

---

## David J. Webster em Moçambique: epistolário mínimo (1971-1979)

*David J. Webster in Mozambique: minimal epistolary (1971-1979)*

**Lorenzo Macagno**

---



**Edição electrónica**

URL: <https://journals.openedition.org/etnografica/17892>

DOI: 10.4000/13fpk

ISSN: 2182-2891

**Editora**

Centro em Rede de Investigação em Antropologia

**Edição impressa**

Paginação: 135-155

ISSN: 0873-6561

**Referência eletrónica**

Lorenzo Macagno, «David J. Webster em Moçambique: epistolário mínimo (1971-1979)», *Etnográfica* [Online], 29 (1) | 2025, posto online no dia 07 março 2025, consultado o 11 março 2025. URL: <http://journals.openedition.org/etnografica/17892> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/13fpk>

---



Apenas o texto pode ser utilizado sob licença CC BY-NC 4.0. Outros elementos (ilustrações, anexos importados) são "Todos os direitos reservados", à exceção de indicação em contrário.

# David J. Webster em Moçambique: epistolário mínimo (1971-1979)

---

*Lorenzo Macagno*

---

O artigo comenta, contextualiza e transcreve o intercâmbio epistolar que mantiveram, entre 1971 e 1979, o antropólogo social David J. Webster (1945-1989) e o etnólogo e funcionário colonial português, António Rita-Ferreira (1922-2014). Webster, etnógrafo dos chopos de Inhambane, manteve ao longo da década de 1970 uma relação de amizade e de intercâmbio intelectual com Rita-Ferreira. O epistolário mostra que, para além das inevitáveis diferenças políticas, houve entre ambos uma relação de camaradagem sustentada por uma compartilhada curiosidade antropológica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Moçambique, David J. Webster, António Rita-Ferreira, epistolário, chopos, etnografia.

**David J. Webster in Mozambique: minimal epistolary (1971-1979)** ♦ The article comments on, contextualizes and transcribes the epistolary exchange between social anthropologist David J. Webster (1945-1989) and ethnologist and Portuguese colonial official António Rita-Ferreira (1922-2014) between 1971 and 1979. Webster, an ethnographer of the Chopos of Inhambane, maintained a relationship of friendship and intellectual exchange with Rita-Ferreira throughout the 1970s. The epistolary shows that, beyond the inevitable political differences, there was a relationship of camaraderie between the two, sustained by a shared anthropological curiosity.

**KEYWORDS:** Mozambique, David J. Webster, António Rita-Ferreira, epistolar, Chopos, ethnography.

---

MACAGNO, Lorenzo (lorenzom@ufpr.br) – Departamento de Antropologia/Universidade Federal do Paraná (Brasil) e Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento/ISEG/ULisboa (Portugal). ORCID: 0000-0002-3464-9524. CREDIT: concetualização, investigação, metodologia, redação do rascunho original, redação – revisão e edição.

---

**Agradecimentos:** a António Rita-Ferreira (1922-2014), *in memoriam*, por ter autorizado a digitalização das cartas aqui reproduzidas, e aos colegas João Leal (NOVA/FCSH e CRIA) e João de Pina-Cabral (ICS-UL), por terem-me encorajado para divulgá-las.

## INTRODUÇÃO

David Joseph Webster nasceu em 1945 na ex-Rodésia do Norte, e se criou na região mineira denominada “cinturão de cobre” (*copperbelt*). Seus pais eram originários de Roodepoort, África do Sul. Mais tarde, sua família retorna a este país, onde Webster decide estudar Antropologia Social. Ainda como estudante, por volta de 1965, envolve-se em protestos anti-*apartheid* na Rhodes University, em Grahamstown. Esse será o início de uma longa batalha que, mais tarde, terá um desfecho trágico para a vida do ainda jovem antropólogo.<sup>1</sup>

Em 1969 inicia, para o seu doutorado, um trabalho de campo em Moçambique, mais especificamente entre os chopes (ou *machope*) da bacia inferior do Inharrime (na província de Inhambane), no regulado de Nkumbi. Como resultado daquela pesquisa defenderá, na Rhodes University, uma tese intitulada *Agnation, Alternative Structures and the Individual in Chopi Society*. Ao longo das sucessivas visitas a Moçambique, Webster contou com um colaborador ineludível: António Rita-Ferreira.

Nascido no interior de Portugal, António Rita-Ferreira atuou, desde os seus 19 anos, como funcionário colonial, tendo ingressado em 1942 como aspirante interino na Circunscrição do Mongicual, atual província de Nampula. Rita-Ferreira preferia se autoapresentar como um “*self made scholar*” e não como antropólogo. Com efeito, excetuando um curso sobre estudos Bantus que fez na ex-União Sul-Africana (atual África do Sul), Rita-Ferreira nunca realizou estudos formais de Antropologia. No entanto, devido aos seus sucessivos deslocamentos, conhecia como ninguém o Moçambique profundo. Exerceu, dentre outros cargos, a função de inspetor de Emigração em Ressano Garcia, na fronteira de Moçambique com a União Sul-Africana, e de inspetor, no Transvaal Oriental, da movimentação dos Indígenas Portugueses na África do Sul.<sup>2</sup> Ou seja, devido às suas funções administrativas, conhecia também os meandros do trabalho migrante dos denominados “indígenas” que, desde Moçambique, deslocavam-se às minas sul-africanas. Publicaria, inclusive, sob os auspícios de António Jorge Dias e de Adriano Moreira,<sup>3</sup> um volume pioneiro sobre o assunto.

Em 2012, após as várias conversas que mantivemos em sua casa de Bicesse, em Portugal, Rita-Ferreira permitiu-me digitalizar parte do seu acervo de cartas pessoais. Pouco depois, em 20 de abril de 2014, faleceria aos 92 anos.

1 Ver: Houton (2021).

2 Para mais detalhes sobre a sua carreira como administrador, pode-se consultar a entrevista que António Rita-Ferreira concedeu a Maciel Santos (2010) do Centro de Estudos Africanos da Universidade de Porto.

3 Adriano Moreira (1922-2022) representa o perfil mais emblemático da política tardo-colonial portuguesa. Nascido no distrito de Bragança, formou-se como advogado e especialista em Direito Internacional. Foi professor de Administração Ultramarina e, entre 1961 e 1963, ministro do Ultramar.

A partir de 2015, após o meu retorno ao Brasil, a Fundação Mário Soares, em Lisboa, dispôs-se a abrigar – com a autorização da família – o seu espólio. Seus documentos pessoais estão, ainda, sendo gradualmente disponibilizados para consulta pública, através da plataforma digital da Fundação Mário Soares, denominada “Casa Comum”.<sup>4</sup> Atualmente, o fundo António Rita-Ferreira disponibilizado nessa plataforma consta de 29 pastas (de um total de 32 doadas). O material foi organizado em cinco grandes grupos: 1) atividade científica; 2) atividade profissional; 3) correspondência; 4) imprensa e recortes; 5) pessoal. Mais recentemente foi agregado um sexto grupo, correspondente a João Luís Ribeiro Torres, sul-africano de origem portuguesa e amigo de António Rita-Ferreira. Não consta, ainda, no acervo da “Casa Comum”, o intercâmbio epistolar com David J. Webster.

O intercâmbio que reproduzimos em seguida mostra que Webster foi um visitante sempre agradecido. Na altura, as exigências burocráticas para o ingresso de investigadores estrangeiros em Moçambique se tornavam cada vez mais enfadonhas e dificultosas. Rita-Ferreira ajudará David Webster e sua primeira esposa, Glenda, a minimizar esses transtornos.

No ano do primeiro contato com Rita-Ferreira, 1971, Webster ingressa como professor na Universidade de Witwatersrand (WITS). Em 1976, é convidado a ministrar aulas durante dois anos na Universidade de Manchester. Após o retorno a Joanesburgo, a detenção de alguns de seus alunos o fez participar, cada vez com mais afinco, nas campanhas contra a violência do *apartheid*. Naquele ano organizou uma conferência de acadêmicos em prol de uma sociedade mais democrática e inclusiva. Inicialmente, Webster busca atrair seus colegas a essa causa e, para tanto, forma a CADS (Conference of Academics for a Democratic Society) como um grupo de pressão destinado a persuadir a universidade a se envolver mais em questões sociais.<sup>5</sup>

Em 2009, graças aos esforços de João de Pina-Cabral, de Omar Ribeiro Thomaz e do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, a obra etnográfica de David Webster foi disponibilizada ao público lusófono sob o título *A Sociedade Chope: Indivíduo e Aliança no Sul de Moçambique (1969-1976)* (D. Webster 2009). Tal como Deborah James (2009) afirma, foram, dentre outras circunstâncias, as contradições na turbulenta passagem da África do Sul para a democracia, o seu complexo relacionamento com os vizinhos na região – especialmente Moçambique – e o caráter mutável dos estudos antropológicos neste país que conspiraram para atrasar a publicação da tese de Webster. No entanto, apesar dessa demora, a tradução e divulgação da sua etnografia em português opera como uma dupla ressurreição: a do legado científico e a do exemplo de compromisso político na luta contra o *apartheid*.

4 Ver < [http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e\\_9571.#!e\\_9571](http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e_9571.#!e_9571) >.

5 Ver < <https://www.sahistory.org.za/people/david-joseph-webster> >.

Em 1 de maio de 1989, Webster foi assassinado na porta da sua casa por Ferdi Barnard, um membro dos esquadrões da morte que, durante o *apartheid*, trabalhava ao serviço do Civil Cooperation Bureau (CCB) que dependia, por sua vez, do Ministério de Defesa sul-africano. Aquele trágico desenlace pode ser compreendido no contexto de uma longa tradição antissegregacionista da Antropologia Social sul-africana, em confronto com a escola do *volkekunde* promovida pelos antropólogos do *apartheid*. Essa tradição antirracista nutre-se, também, do legado da chamada Escola de Manchester, que gravitava em torno da figura de Max Gluckman, que, aliás, nunca ocultou suas simpatias marxistas. O legado de Gluckman deixou uma marca indelével entre a equipa de antropólogas e antropólogos do Rhodes-Livingstone Institute (que dirigiu entre 1941 e 1947) na ex-Rodésia do Norte.

Após o doutorado, e antes da sua opção definitiva pela militância anti-*apartheid*, Webster pretendia dar continuidade à sua pesquisa em Moçambique. Contudo, há um acontecimento que revela a perversa ironia dos encontros e desencontros promovidos por estes “exóticos visitantes” (sul-africanos brancos) no vizinho Moçambique. O próprio Webster, junto com a sua esposa, e o historiador e antropólogo Philip Bonner foram expulsos do Moçambique independente após uma tentativa falida de dar continuidade aos seus estudos antropológicos no novo país. João de Pina-Cabral, que foi seu aluno na Universidade de Witwatersrand, descreve o peculiar incidente:

“A última tentativa de visitar o país, porém, no calor do período da independência, em 1976, foi gorada por uma trágica falta de compreensão por parte das novas, e ainda pouco experientes, autoridades, que não souberam interpretar as motivações benévolas do jovem trio de académicos brancos do qual David e Phil Bonner faziam parte. Foram aprisionados e logo expulsos por terem tirado fotos às mulheres que passavam na rua vestidas com capulanas vistosas gravadas com a imagem de Samora Machel.” (Pina-Cabral 2009: 21)

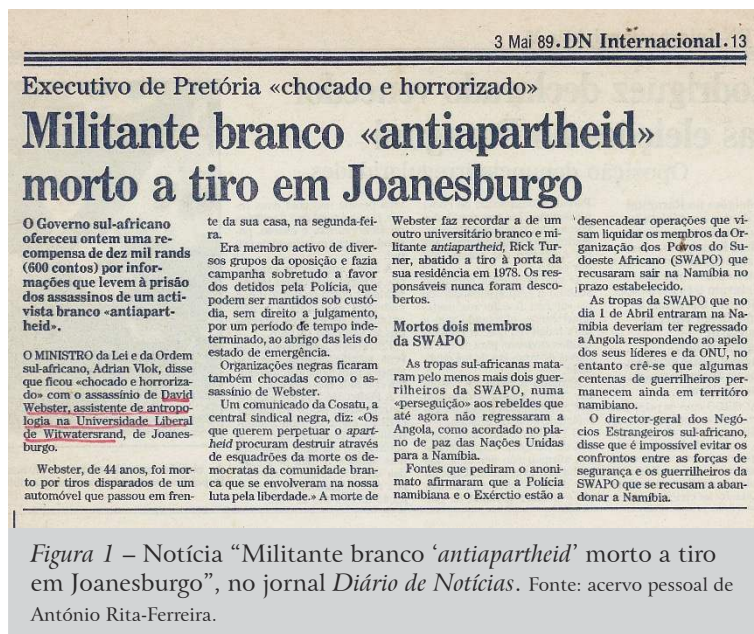
Philip Bonner, que também aparece mencionado no intercâmbio com Rita-Ferreira, iniciou sua carreira como professor na Wits University (como é popularmente denominada a University of the Witwatersrand, em Joanesburgo). Nasceu no mesmo ano que Webster, e faleceu em 2017. Sua tese de doutorado foi publicada em 1983 sob o título *Kings, Commoners and Concessionaires: The Evolution and Dissolution of the Nineteenth-Century Swazi State*. Como outros colegas da sua geração, envolveu-se no combate contra o *apartheid*, chegando em 1986 a ser notificado com uma ordem de deportação. Foi preso e encarcerado na John Vorster Square; pouco depois, a ordem de deportação foi revogada. Paralelamente ao ativismo sindical, seus interesses começaram a se concentrar na história social e do trabalho, o que levou ao lançamento, em 1983, de um

ambicioso programa de pesquisa sobre a história da classe trabalhadora em Witwatersrand, começando pelo East Rand.<sup>6</sup>

Na figura 1, o recorte do jornal *Diário de Notícias* (03/05/1989) informa o assassinato de David Webster em Joanesburgo. Um dos trechos da nota diz:

“[...] Webster, de 44 anos, foi morto por tiros disparados de um automóvel que passou em frente da sua casa, na segunda-feira. Era membro activo de diversos grupos da oposição e fazia campanha sobretudo a favor dos detidos pela Polícia, que podem ser mantidos sob custódia, sem direito a julgamento, por um período de tempo indeterminado, ao abrigo das leis do estado de emergência. Organizações negras ficaram também chocadas com o assassinio de Webster [...]” (*Diário de Notícias*, 03/05/1989).

Além de uma recíproca admiração intelectual, o epistolário “mínimo” que reproduzimos ilustra uma relação de amizade e cumplicidade entre David Webster e António Rita-Ferreira. O diálogo entre ambos, iniciado em 1971, estendeu-se até o retorno de Rita-Ferreira a Portugal, em 1979.



6 MURRAY, Bruce, “Philip Bonner (1945-2017)”, obituário: <https://www.wits.ac.za/media/wits-university/alumni/documents/other-documents/philip%20bonner%20obituary%20by%20bruce%20murray.doc>.

## PRIMEIROS CONTACTOS

## CARTA 1

De A. Rita-Ferreira para o Institute of Social and Economic Research / Rhodes University – Grahamstown / South Africa, 4 de fevereiro de 1971.

[escrita originalmente em inglês]

Senhor,

Sou autor de vários livros e artigos sobre problemas humanos em Moçambique.

Gostaria de contactar tanto o Sr. D. J. Webster como a Sta. K. Mack que tem realizado pesquisa em uma comunidade Chope em Inharrime e em uma comunidade de povoamento em João Belo.

Poderia me enviar seus endereços?

## CARTA 2

De David Webster para A. Rita-Ferreira, 23 de fevereiro de 1971.

[em inglês]

Prezado Dr. Ferreira,

O Institute of Social and Economic Research / Rhodes University, Grahams-town, informou-me que o senhor quer contactar-me.

É claro que escutei falar sobre seu trabalho em Moçambique, assim como do trabalho de Jorge Dias, e gostaria muito de conhece-lo pessoalmente em breve. Espero poder retornar para os Chopes em junho e, portanto, talvez consiga vê-lo.

Atualmente estou escrevendo minha dissertação de mestrado (M.A. *thesis, sic.*) sobre o material que coletei em 1969, e assim que estiver finalizado terei o prazer de lhe enviar uma cópia do trabalho. Tenho escrito um relatório geral sobre os Chopes, mas é um tanto naif e, portanto, não apto para circulação.

Espero ter notícias suas em breve.

Atenciosamente,

David Webster

## CARTA 3

De A. Rita-Ferreira para David Webster (Dept. of Social Anthropology-University of Witwatersrand / Johannesburg, 16 de setembro de 1971.

[escrita originalmente em inglês]

Prezado Dr. Webster,

Permita-me lembrá-lo, mais uma vez, da sua tese sobre os Chopes, que estou muito interessado em ler.

Atualmente estou como responsável do Departamento de Cultura Popular da nossa Oficina de Informação e Turismo. Estou tentando dar uma especial atenção à ao desenvolvimento da música Chope.

Atenciosamente,

## CARTA 4

De David Webster a A. Rita-Ferreira, 21 de setembro de 1971.

[escrita originalmente em inglês]

Prezado Dr. Rita-Ferreira,

Obrigado pela sua carta de 16 de setembro. Percebo que está ansioso para ler minha tese sobre o sistema de parentesco entre os Chopes. Peço-lhe que tenha paciência, pois ainda não finalizei o trabalho. Ainda estou redigindo o manuscrito final, que depois será submetido a uma avaliação. Isso acontecerá, mais ou menos, depois do 15 de janeiro do próximo ano. Assim que essas formalidades forem finalizadas, terei prazer em lhe enviar uma cópia.

Fico contente de que, na qualidade de chefe do Departamento de Cultura Popular, esteja tentando dar uma atenção particular à música Chope. Conforme minha experiência, o virtuosismo deles não tem paralelo, e o Dr. Hugh Tracey, a quem sem dúvidas você conhece, concorda completamente com isso. Por acaso, comentou-me que ele e seu filho, Andrew, estão planejando retornar sobre os Chopes, apesar de não saber exatamente quando isso acontecerá.

Espero poder conhecê-lo pessoalmente em um futuro imediato. Planejava fazer isso em julho, quando almejava ir ao país Chope ["Chopilândia", *sic*], mas envolvi-me em um acidente de carro na fronteira, e tive que retornar a Johannesburg.

Atenciosamente,

David Webster

## UM VISITANTE AGRADECIDO

## CARTA 5

De David Webster a A. Rita-Ferreira, 27 de novembro (1972).

Minhas desculpas por não ter conseguido escrever antes para lhe agradecer pela amizade e ajuda durante nossa estadia em Lourenço Marques. Teria enfrentado muitas dificuldades para lidar com a administração se não fosse pela sua assistência. Espero que tenha recebido minha garrafa de Van der Hum<sup>7</sup> e minha pequena nota de agradecimento que deixei com o seu empregado antes do nosso retorno a África do Sul.

Deixe-me agradecer-lhe por todo o seu tempo dispensado, ajudando Glenda e a mim. Sinceramente espero um dia estar em uma posição que me permita retribuir sua generosidade. Passaremos por Lourenço Marques no final de dezembro, no nosso caminho em direção ao norte para as férias, e talvez para algum trabalho de campo; portanto, se precisar que leve algo, deixe-me sabê-lo.

Por acaso, estaremos de férias com Walter e Sally Felgate, que me pediram para enviar cumprimentos a você. Estiveram recentemente em Lourenço Marques, mas não tiveram sucesso em contactá-lo. Estamos planejando acampar em praias do norte de Inhambane, começando por Morrumbene. Haverá algum impedimento para realizar este plano? Queremos evitar as irritantes multidões de detestáveis sul-africanos. Será que o administrador local terá alguma objeção?

Em relação à minha tese, que ainda não está finalizada, gostaria de saber se o escritório da Administração conserva registros de casos de homicídios e suicídios. Felgate acha que não. Também gostaria de saber se seria possível obter, para minha tese, um Atlas de Moçambique.

Espero revê-lo novamente e pronto. Meus melhores cumprimentos para você e sua família. E meus melhores desejos para o período de festividades que se aproxima.

David Webster

7 Trata-se de um licor fabricado na região do Cabo, a partir do destilado do vinho e aromatizado com ervas e tangerina.

## CARTA 6

De A. Rita-Ferreira a David Webster, 10 de janeiro de 1973.

[escrita originalmente em inglês]

Minhas desculpas por responder só agora a sua gentil carta de 27 de novembro de 1972. Não tenho estado bem desde a minha chegada dos Estados Unidos, em 11 de novembro. O médico me diagnosticou “surmenage” e recomendou para reduzir os esforços intelectuais ao mínimo. Este é o resultado de muitos anos de sobrecarga de trabalho. Foi uma excelente ideia a de você, sua esposa e os Felgates acampar no norte de Inhambane. Estou certo de que não deve ter tido nenhuma objeção sobre seu acampamento e trabalho de campo nessa área.

Os administradores devem abrir um arquivo e reportar o veredicto sobre os casos de homicídios na área. Pode acontecer que o chefe indígena não reporte um caso de homicídio. Mas duvido que essa seja uma prática usual ou estendida, contudo, quando isso acontece, o chefe deve ser removido das suas responsabilidades e cumprir sentença de prisão.

De acordo com as últimas estatísticas oficiais (1969) foram condenadas 72 e 86 pessoas por homicídio voluntário e involuntário, respectivamente.

Não creio que alguém o impeça de consultar os relatórios, pois após os veredictos serem informados, qualquer um pode vê-los.

Em relação aos suicídios, os administradores mergulham em muita papelada e muitas vezes não conseguem organizar os dossiês, se bem que deveriam fazê-lo, e se bem que inquéritos são viabilizados para confirmar se se trata, de facto, de um suicídio.

Estive em Lisboa com a senhora Margot Dias. Está preparando um artigo sobre o sistema de parentesco chope e ficou desolada quando lhe comuniquei que você já tinha lidado com esse assunto.<sup>8</sup>

Será que Walter Felgate já redigiu seu paper sobre “Ecologia dos Tembe-Thonga”?

Atenciosamente,

Rita-Ferreira

8 Sobre os chopos, Margot Dias publicou um artigo (Dias 1960). Até onde sabemos, não chegou a publicar um estudo sistemático e aprofundado sobre o parentesco chope.

Nesta carta, além do nome de Margot Dias (1908-2001) que desenvolveu, junto a Jorge Dias, seu conhecido e extenso trabalho sobre o povo Maconde (com especial relevância no campo da etnomusicologia e da antropologia visual), aparece o nome de Walter Felgate (1930-2008). Depois de uma educação inicial junto aos metodistas, Walter Felgate estudou antropologia social na Natal University, e realizou trabalho de campo na fronteira de Moçambique, sob a orientação de Eileen J. Krige. Na altura da sua viagem com Webster era professor leitor na Rhodes University. Pouco tempo depois, Felgate abandonaria a antropologia<sup>9</sup> para fazer carreira política, primeiro junto ao Inkatha Freedom Party como conselheiro de Buthelezi (a quem, já no pós-*apartheid*, denunciou perante a Comissão de Verdade e Reconciliação). Em 1997, filiou-se ao Congresso Nacional Africano de Nelson Mandela.

Segundo o depoimento de Glenda Webster, teria sido o próprio Felgate quem estimulou a ida do casal a Moçambique. “O primeiro elo de ligação”, diz, “é Walter Felgate, professor de antropologia na Rhodes University nos anos 60, que encorajou David Webster, na altura um dos seus alunos de licenciatura, a desenvolver trabalho de campo em Moçambique, onde os estudos etnográficos haviam sido escassos e espaçados no tempo”.

E prossegue:

“Walter Felgate levou-nos ao Sul de Moçambique a fim de estabelecermos contacto com responsáveis da administração local e autoridades tradicionais e assim obtermos autorização para que David desenvolvesse um estudo antropológico na região conhecida como Mucumbeni, um pouco para o interior de Inharrime. A visão e os esforços de Walter Felgate em prol dos seus alunos devem ser reconhecidos.” (G. Webster 2009: 417)

Sobre a viagem de Rita-Ferreira aos Estados Unidos, mencionada na carta 6, há alguns detalhes em um depoimento concedido à historiadora Cláudia Castelo, em 2012. Na ocasião, Rita-Ferreira afirmou que a viagem teria acontecido graças à intermediação do cônsul americano e organizada por uma agência denominada Council on Leaders and Specialists, em Washington. Na visita acadêmica, Rita-Ferreira reuniu-se com estudantes e professores de várias universidades, em Boston, Siracusa, Los Angeles, São Francisco, Novo México e Nova Iorque. Nos *campi* das universidades norte-americanas, a causa da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique) ganhava cada vez mais simpatia:

9 De todos os modos, chegou a publicar uma parte de seu trabalho antropológico em um livro intitulado: *The Tembe Thonga of Natal and Mozambique: An Ecological Approach* (Durban, University of Natal, 1982). A publicação foi possível, sobretudo, graças ao estímulo e empenho da sua própria orientadora, E. J. Krige.

“Em todas elas fiz conferências e fui submetido a críticas e a interrogatórios formulados pelos assistentes interessados pela luta de libertação que a Frelimo tinha desencadeado no norte de Moçambique. Terminada que foi esta visita fiquei plenamente convencido de que Portugal iria perder esta guerra imposta por Salazar, Marcelo Caetano e por todos os simpatizantes do Estado Novo. A Frelimo e o seu fundador Eduardo Mondlane, eram considerados como verdadeiros heróis, não só pelos estudantes afro-americanos, mas também pela maioria do corpo docente.”<sup>10</sup>

10 Depoimento de António Rita-Ferreira em 2011, revista, reformulada e editada pelo entrevistado em 2012. Disponível em: < [https://actd.iict.pt/eserv/actd:MOARF/ACTD\\_Depoimento\\_ARF.pdf](https://actd.iict.pt/eserv/actd:MOARF/ACTD_Depoimento_ARF.pdf) >.

## O ANO DA INDEPENDÊNCIA

## CARTA 7

De David Webster a A. Rita-Ferreira, 4 de setembro de 1975.

[escrita originalmente em inglês]

Prezado Sr. Rita-Ferreira,

Foi muito bom revê-lo em Lourenço Marques, após todos estes anos. E poder ver como você e sua esposa estão bem.

Penso que pode gostar de ver um par de artigos que terminei recentemente. Um deles, "Spreading the risk",<sup>11</sup> foi aceito por Africa, e uma versão modificada sobre aquele que trata de divórcio será publicado em E. J. Krige e J. Comaroff, "Kinship and marriage in Southern Africa",<sup>12</sup> provavelmente no próximo ano.

Philip Bonner e eu estamos contentes de ir a Lourenço Marques alguns dias em setembro (entre 13 e 20). Já escrevemos a R. M. para solicitar os vistos, esperamos que cheguem logo.

Esperamos revê-lo pronto em Lourenço Marques na nossa próxima visita (gostámos muito da nossa última estadia).

Cordialmente,

David Webster

## CARTA 8

De A. Rita-Ferreira a David Webster, 23 de setembro de 1975.

[escrita em português]

Caro Prof. Webster,

Estimo que se encontre de boa saúde juntamente com sua encantadora esposa.

Escrevo-lhe a presente carta em português não só porque é mais fácil para mim, mas também porque desejo contribuir para que se não esqueça [*sic*] dessa língua

Acabo de receber a sua carta de 4 do corrente e bem assim os dois trabalhos da sua autoria. O seu nível científico é tão elevado que tenho dificuldade em compreendê-los. Estou certo que alcançará grande projecção internacional no domínio da antropologia social. Faço ardentes votos por que possa continuar as

11 Em D. Webster (1977).

12 Em D. Webster (1981).

suas pesquisas entre outros povos de Moçambique tão deficientemente conhecidos. Pode contar sempre com o meu auxílio.

Infelizmente começam a levantar-se graves dificuldades à livre pesquisa [*sic*] de investigadores estrangeiros. Está aqui uma estudante americana que há meses aguarda autorização para consultar documentos no Arquivo Histórico.

Ouso pedir-lhe um favor que justifico pelo facto de não termos ao nosso dispor qualquer biblioteca especializada e encontrarmos enormes dificuldades para conseguir as publicações mais antigas e mesmo muitas modernas. O favor que lhe agradeço relaciona-se com xerocópias dos seguintes “*papers*”:

– Abraham, D. P.

“Maramuca: an exercise in the combined use of Portuguese records and oral traditions”, *J. Afr. History* 2 (2): 211-226, 1961.

– Abraham, D. P.

The early history of the kingdom of Mwene Mutapa (850-1589) In “Historians in Tropical Africa”, Proceedings of the Leverjume Inter-Collegiate History Conference (Salisbury). 1962, pp 61-91.

– Abraham, D. P.

Ethnohistory of the Empire of Mutapa: problems and methods. In *Historian in Tropical Africa*, by J. Vansina et alli. London, 1964, pp. 104-126.

– Price, T.

Maravi Rain Cults

In “Religion in Africa”. Seminar Univ. Edinburgh, 1964, pp 114-124.

Não vale a pena enviar este material por via aérea. Se vier por comboio chega aqui rapidamente. Convinha, no entanto, que viessem registrados. Diga-me quanto lhe fico a dever, em rands. Tenho possibilidades de lhe pagar.

Pouco depois da vossa visita estiveram em LM dois investigadores americanos: o Edward Alpers e Nancy Hafkin.

Vou mandar nesta data ao Philip Bonner os elementos que me pediu sobre Mawewe.

Cumprimentos a sua esposa. Estamos muito preocupados com a falta de assistência médica. É uma verdadeira tragédia.

Abraços de

António Rita-Ferreira

## CARTA 9

David Webster a A. Rita-Ferreira, 15 de outubro de 1975.

[escrita originalmente em inglês]

Prezado António,

Obrigado pela sua carta do 23 de setembro.

Não consegui, ainda, reunir todo o material histórico que você me solicitou, mas aqui envio dois dos artigos solicitados. Quando consiga os outros, enviá-los-ei.

Por favor, não se preocupe pelo valor das cópias, aceite os artigos como um presente meu.

Entendo as razões de você preferir escrever em português. Eu já melhorei a compreensão da língua.

Afectuosamente,

David Webster

## CARTA 10

De David Webster para A. Rita-Ferreira, 4 de novembro de 1975.

[escrita originalmente em inglês]

Prezado António,

Tenho o prazer de lhe informar que já encontrei os artigos académicos que me solicitou, portanto poderá dar seguimento aos seus ótimos estudos sobre a pré-história colonial de Moçambique, um tema sobre o qual conheço muito pouco. Estou ansioso para ver os resultados de seu trabalho.

No mês passado tentámos descer para umas férias a Lourenço Marques, mas suspeito que nossos vistos não chegaram a tempo. Tentaremos novamente, talvez em janeiro.

Cumprimentos para você e sua esposa

David Webster

Com a independência de Moçambique em 1975, os membros da Frelimo responsáveis pelos estudos universitários fazem um acordo com Rita-Ferreira. Fernando Ganhão, reitor da Universidade Eduardo Mondlane, propõe-lhe um contrato até 1977 para que ensinasse “história dos povos de Moçambique”. Entre seus jovens alunos, há negros, mulatos e brancos (estes descendentes dos velhos colonos, já dispostos a “ficar” moçambicanos e aderir, sem ambiguidades, à causa da Frelimo). No entanto, um incidente impede Rita-Ferreira de continuar honrando seu contrato: um grupo de estudantes se rebela contra o conteúdo dessa antropologia de ranço colonial, imobilizadora e “reacionária”. Irritado com os jovens revoltosos, Rita-Ferreira abandona o seu posto e, pouco tempo depois, instala-se definitivamente em Portugal. Na longa conversa que mantive com ele em 2012, esse incidente foi relatado com alguns detalhes.

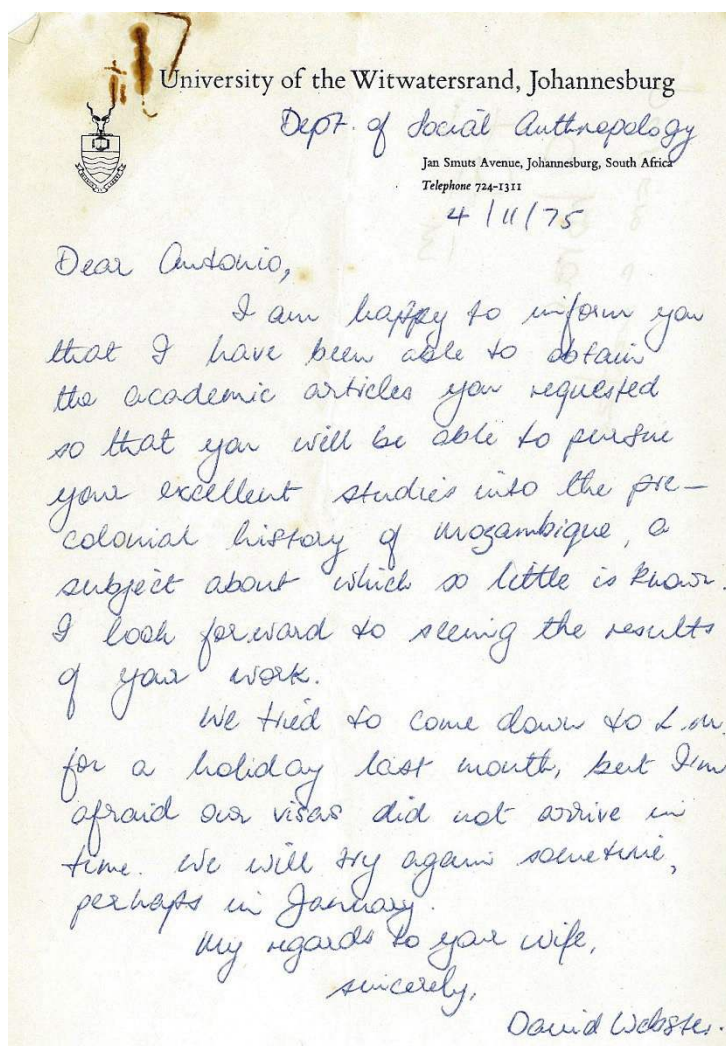


Figura 2 – Reprodução da carta 10, enviada por Webster a Rita-Ferreira, em novembro de 1975. Fonte: Acervo pessoal de António Rita-Ferreira.

Rita-Ferreira comentou-me que, decidido a abandonar seu posto, foi conversar com Fernando Ganhão, que se mostrou extremamente compreensivo.

O ambiente universitário em Lourenço Marques, agora Maputo, começa a mudar. Em 1977, as orientações oriundas do III Congresso da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) determinaram que a frente se convertesse num partido “marxista-leninista”. Naquele ano, António Rita-Ferreira decide retornar a Portugal. Na altura, os programas de pesquisa levados a cabo pelo Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane focavam, sobretudo, as questões económicas e os desafios da “transformação da produção” (Darch 2017: 119). Aquino de Bragança e Ruth First, socióloga e ativista anti-*apartheid* sul-africana, serão as grandes figuras aglutinadoras (Fernandes 2011). Por um período, a antropologia – suspeita, aos olhos da Frelimo, de ressuscitar o “tribalismo” – ficará na berlinda.

## RETORNO A PORTUGAL

## CARTA 11

António Rita-Ferreira a David Webster, 10 de dezembro de 1979.

[escrita originalmente em português]

Caro Dr. Webster,

Espero que esta carta o vá encontrar de perfeita saúde.

Parti de Moçambique em Agosto de 1977. Apenas lá voltei em Novembro do mesmo ano, via S.A. Airways, para me despedir definitivamente da minha velha mãe que preferiu continuar. Tive razões muito fortes para deixar Moçambique e optar pela nacionalidade portuguesa, como a maioria dos não-negros. Penso um dia escrever sobre o assunto. A adaptação a Portugal também foi muito difícil. Este país ficou muito traumatizado com os resultados da descolonização caótica. Os grandes sacrificados foram as pessoas mais inocentes e humildes.

Estou presentemente a escrever uma obra de síntese intitulada “história pre-colonial do sul de Moçambique”.<sup>13</sup> Tenho interesse em citar alguns dos seus trabalhos e, por tal motivo, venho pedir-lhe três favores:

- a) Informe-me se “The politics of instability...” já foi publicado e, em caso afirmativo, remeter-me uma separata para poder citar correctamente as páginas.<sup>14</sup>
- b) enviar-me xerocópia, com indicação de n.º e ano, de uma crítica que há anos publicou em “African Studies” sobre o livro de Hugh Tracey “Chopi musicians”.<sup>15</sup>
- c) esclarecer-me se o seu artigo “Migrant labour, social formations...” publicado em “African Perspectives”, de que tenho xerocópia é semelhante ao da sua contribuição em Bonner, P. L. ed. 1977, sob o título “The origins of migrant labour, colonialism...”.<sup>16</sup> Caso haja diferenças significativas grato ficaria se me remetesse uma separata, visto não ter presentemente possibilidades de comprar livros caros.

Estou à disposição caso precise elementos constantes nos arquivos de Lisboa. Sem outro assunto, subscrevo-me

Cordealmente [*sic*]

13 Este estudo, que também aparece mencionado na décima carta de Webster, será publicado por António Rita-Ferreira (1979-1980).

14 Este artigo foi publicado em D. Webster (1981).

15 Em D. Webster (1973).

16 Ver D. Webster (1978).

Nas cartas 4 e 11 aparece evocado o nome de Hugh Tracey (1903-1977), o grande etnomusicólogo especialista nos chopes, autor do clássico *Chopi Musicians Their Music, Poetry and Instruments*, publicado pela primeira vez em 1948 e republicado em 1970. Tanto Webster como Rita-Ferreira estavam muito interessados no trabalho de Tracey. De facto, no capítulo 10 do seu livro, Webster dedicará várias páginas para descrever a importância dos dançarinos, poetas e músicos na sociedade chope (*cf.* o item “Compositores e canções: as letras e seu papel na gestão da informação”, do capítulo 10 “Indivíduo, liderança e facções”). Entretanto, mais recentemente, a obra de Tracey foi reinserida no contexto lusófono, graças aos esforços de Sara Morais (2020) que, além de ter renovado o diálogo com os intelectuais e músicos do povo chope, tocadores de timbila, contribuiu em 2021 para a republicação, em Moçambique, da obra de Hugh Tracey.<sup>17</sup> Portanto, aquelas etnografias fundantes sobre os chopes (a de Hugh Tracey e a do próprio Webster) vêm adquirindo uma “segunda vida” graças às novas gerações de antropólogos.<sup>18</sup>

Este breve intercâmbio epistolar evidencia que, para além do mero diálogo entre os dois antropólogos, havia uma rede de interlocução acadêmica maior que transcendia essa relação diádica. Isto é, um diálogo intelectual virtual mais amplo e abrangente que, neste caso, envolvia investigadores como Philip Bonner, Walter Felgate, Hugh Tracey, Margot e Jorge Dias, além do próprio Webster e Rita-Ferreira, protagonistas destas missivas. Ao mesmo tempo, as cartas mostram que, acima das evidentes diferenças políticas, havia entre os dois homens um elo comum ancorado em uma incisiva curiosidade antropológica. Essa compartilhada inquietação contribuiu para que – apesar das crescentes e inevitáveis desconfianças que pairavam em ambos os lados da fronteira – a relação de amizade fosse duradoura.

Por fim, gostaria de evocar uma conversa que mantive com João de Pina-Cabral em fevereiro de 2000, em Lisboa. Naquela entrevista, ele relembrava sua experiência como aluno de Webster, em Joanesburgo, na segunda metade da década de 1970: “David Webster nos deu um curso sobre sociedades matrilineares centro-africanas (um curso que me marcou imenso), era uma figura muito interessante” (Pina-Cabral, *apud* Macagno 2001: 350). Como adiantáramos, mais tarde Webster abandona a antropologia para se dedicar, integralmente, à luta contra o *apartheid*. Foi uma decisão radical, tomada em um contexto de crescente violência e exclusivismos: “Mais tarde, quando voltei da Inglaterra à África do Sul nos anos 1980, ele criticou-me imenso por eu estar

17 O livro foi republicado sob o título: *Música Chope: Gentes Afortunadas* (editora Kulungwana-Associação para o Desenvolvimento Cultural, Maputo, 2021).

18 Chamamos a atenção para o atual projeto de doutorado de João de Regina Cassalho, desenvolvido na Universidade de Campinas (Unicamp), sob o título “David Webster (1945-1989): tensões entre fazeres antropológicos e engajamento político na África Austral”, sob orientação de Luís Felipe Bueno Sobral e coorientação de Omar Ribeiro Thomaz.

a fazer antropologia. Tinha se tornado um ativista a tempo inteiro. Foi um grande choque para mim assim como para outros antigos alunos a quem ele tinha inspirado tanto” (*idem*: 351).

A partir desse momento, e até seu assassinato, Webster mantém uma intensa agenda política junto a várias organizações anti-*apartheid* (UDF – United Democratic Front; JODAC – The Johannesburg Democratic Action Committee; NUSAS – National Union of South African Students; DPSC – Detainees’ Parents Support Committee; dentre outras) (Cassalho 2023). Contudo, apesar do seu afastamento da antropologia, não deixará de escrever nem de publicar. Suas temáticas de interesse, entretanto, vão se afastando de temas outrora “clássicos”, como parentesco e organização social, para se aproximar de assuntos prementes como a precariedade da moradia nos *townships*; a economia informal; o trabalho e a sobrevivência familiar nas áreas segregadas; a questão da nutrição e a produção de alimentos; e os problemas relativos à salubridade em uma sociedade cada vez mais desigual e racista.<sup>19</sup>

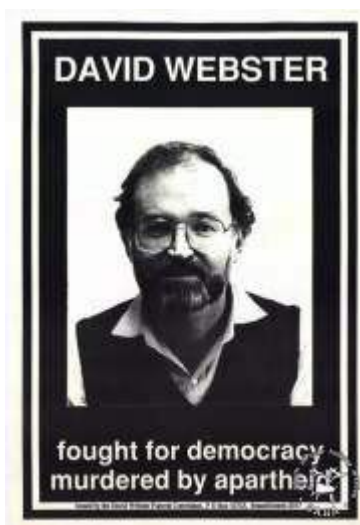


Figura 3 – “DAVID WEBSTER: fought for democracy murdered by apartheid” – Poster produzido pelo David Webster Funeral Committee. Fonte: “Images of Defiance. South African resistance posters of the 1980s and beyond” [SAHA collection AL2446].

19 Ver D. Webster (1982a, 1982b, 1984, 1986a, 1986b). Em 1989, após seu assassinato, é publicado, em colaboração com Maggie Friedman, um pequeno relatório intitulado *Suppressing Apartheid’s Opponents: Repression and the State of Emergency, June 1987 – March 1989*, Southern African Research Service and Ravan Press.

## BIBLIOGRAFIA

- CASSALHO, João de Regina, 2023, “David Webster (1944-1989): tensões entre fazeres antropológicos e engajamento político na África Austral”, *Anais do 32.º Simpósio Nacional de História: Democracia e Direitos Humanos: Desafios para uma História Profissional*, São Luís do Maranhão. Disponível em: < 1693170273\_ARQUIVO\_4be8e7405105eb374ef8ffc095392b59.pdf > (última consulta em janeiro de 2025).
- DARCH, Colin, 2017, “Estudos africanos em Moçambique, 1976-1986: a construção de uma nova visão nas ciências sociais”, *Revista de Antropologia*, 60 (3): 112-133.
- DIAS, Margot, 1960, “Aspectos técnicos e sociais da olaria dos Chopos”, *Garcia de Orta*, 8 (4): 779-785.
- FERNANDES, Carlos Manuel Dias, 2011, *Dinâmicas de Pesquisa em Ciências Sociais no Moçambique Independente: O Caso do Centro de Estudos Africanos, 1975-1990*. Bahia: Universidade Federal da Bahia, pós-graduação em Estudos Étnicos e Africanos, Universidade Federal da Bahia, tese de doutoramento.
- HOUTON, Gregory, 2021, “David Webster: a life cut short”, in Narnia Bohler-Muller, Gregory Houston e Vasu Reddy (orgs.), *The Fabric of Dissent: Public Intellectuals in South Africa*. Boulder, CO: Lynne Rienner Publishers Disponível em: < <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9781928246619-054/html> > (última consulta em janeiro de 2025).
- JAMES, Deborah, 2009, “David Webster: an activist anthropologist twenty years on”, *African Studies*, 68 (2): 287-295.
- MACAGNO, Lorenzo, 2001, “Entre a África e o Mediterrâneo: os ‘contextos’ da antropologia em Portugal: entrevista com João Pina-Cabral”, *Lusotopie*, vol. anual: 349-361.
- MORAIS, Sara, 2020, *O PALCO E O MATO: O Lugar das Timbila no Projeto de Construção da Nação em Moçambique*. Brasília: Universidade de Brasília, pós-graduação em Antropologia Social, tese de doutoramento.
- PINA-CABRAL, João de, 2009, “Prefácio do editor”, in David J. Webster, *A Sociedade Chope: Indivíduo e Aliança no Sul de Moçambique, 1969-1976*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 21-28.
- RITA-FERREIRA, António, 1979-1980, “História pré-colonial do sul de Moçambique: tentativa de síntese”. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos da Junta de Investigações Científicas do Ultramar, separata de *STVDIA*, n.º 41-42 e 43-44.
- SANTOS, Maciel, 2010, “António Rita Ferreira: ‘Salazar sempre quis fazer uma colonização barata’”, *Africana Studia*, 15: 110-131.
- WEBSTER, David J., 1973, “Book reviews”, *African Studies*, 32 (1): 53-54.
- WEBSTER, David J., 1977, “Spreading the risk: the principle of laterality in Chopi society”, *Africa*, 47: 192-207.
- WEBSTER, David. J. 1978, “Migrant labour, social formations, and the proletarianisation of the Chopi of Southern Mozambique”, *African Perspectives*, 1: 151-174.
- WEBSTER, David J., 1981, “The politics of instability: divorce and ephemeral alliance among the Chopi”, in John L. Comaroff e Eileen Jensen Krige (orgs.), *Essays on African Marriage in Southern Africa*. Cidade do Cabo: Juta.
- WEBSTER, David J., 1982a, “Living in the interstices of capitalism: towards a reformulation of the ‘informal sector’ concept”, *Social Dynamics*, 8 (2): 1-10 [em coautoria com Peter Wilkinson].

- WEBSTER, David J., 1982b, “Capital, class and consumption: the social history of tuberculosis in South Africa”, comunicação apresentada na conferência *Consumption in the Land of Plenty: Tuberculosis in South Africa*, University of Cape Town Medical School, 2 a 4 de Agosto.
- WEBSTER, David J., 1984, “The reproduction of labour power and the struggle for survival in Soweto”, *Carnegie Conference Paper*, 20. Cidade do Cabo: Second Carnegie Inquiry into Poverty and Development in Southern Africa, 13-19, abril de 1984. Disponível em: < [https://www.opensaldru.uct.ac.za/bitstream/handle/11090/431/1984\\_webster\\_ccp20.pdf?sequence=1](https://www.opensaldru.uct.ac.za/bitstream/handle/11090/431/1984_webster_ccp20.pdf?sequence=1) > (última consulta em janeiro de 2025).
- WEBSTER, David J., 1986a, “The family, poverty and survival strategies in Soweto”, mimeo, *Historical Papers*, William Cullen Library, University of the Witwatersrand, Joanesburgo.
- WEBSTER, David J., 1986b, “The political economy of food production and nutrition in southern Africa in historical perspective”, *Journal of Modern African Studies*, 24 (3): 447-463.
- WEBSTER, David J., 2009, *A Sociedade Chope: Indivíduo e Aliança no Sul de Moçambique, 1969-1976*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- WEBSTER, Glenda, 2009, “Dossier fotográfico”, in David J. Webster, *A Sociedade Chope: Indivíduo e Aliança no Sul de Moçambique, 1969-1976*, 417-428.

---

Receção da versão original / Original version

2024/05/14

Aceitação / Accepted

2024/09/25